SEMINA
Revista dos Pós-Graduandos em História - UPF

Dossiê: "A produção historiográfica através das fontes impressas e da imprensa"

Volume 22 | Número 2 | Ano/período: maio/agosto 2023

Edição eletrônica

DOI: 10.5335/srph.v22i2.14891

ISSN: 2763-8804

Minhas memórias de intermitências da morte

Brendon Husley Rimualdo [1]

Antonio Cilírio da Silva Neto [2]

DOAJ DIRECTORY OF OPEN ACCESS JOURNALS OPEN ACCESS

Referência

RIMUALDO, Brendon Husley; NETO, Antônio Cilírio da Silva. Minhas memórias de intermitências da morte. **Revista Semina**, Passo Fundo, vol. 22, n. 2, p.198-212, mai-ago 2023.

Recebido em: 10/04/2023 | **Aprovado em:** 01/05/2023 | **Publicado em:** 20/07/2023

[1] Graduado em História pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), Mestre em Cultura e Território pela Universidade Federal do Tocantins (PPGCULT-UFT) e Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (PPGH-UFG).

[2] Doutor e pós-doutor em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Pesquisador e professor adjunto de Língua Portuguesa na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA/Campus Santa Inês..

Minhas memórias de intermitências da morte

Resumo

Apresenta-se uma análise sobre As intermitências da Morte (2005) de José Saramago e sua relação com a vida e morte de um sujeito. Reflete-se sobre uma consciência histórica da realidade, de questões da psique humana e suas relações sociais. Dialoga-se entre memórias traumáticas e críticas sobre consciência política e angústias que nos fazem ver o mundo com sensibilidade. Essa reflexão se pautou no momento de crise política, social e do quadro pandêmico que ceifou milhares de vidas no Brasil. Considerou-se a história, a literatura e a pisque humana pensando em intermitências de vida e de morte.

Palavras-chave: Literatura. História. Experiência. fatalidade.

My intermittence memories of death

Abstract

Presents an analysis of As intermitências da Morte (2005) by José Saramago and its relationship with the life and death of a person. Reflects on a historical awareness of the reality and questions of the human psyche and its social relations. Dialogues between traumatic memories and criticisms about political conscience and anxieties that make us see the world with sensitivity. This reflection was based on the moment of political and social crisis and the pandemic situation that claimed thousands of lives in Brazil. History, literature and the human psyche were considered, thinking about intermittencies of life and death.

Keywords: Literature; history; experience; fatality.

Escape de la sequía y la sentencia:
delito y desorden social en el Acarape del Mis memorias de las intermitencias de la muerte

Resumen: Se presenta un análisis de "Las intermitencias de la muerte" (2005) de José Saramago y su relación con la vida y la muerte de un individuo. Se reflexiona sobre una conciencia histórica de la realidad, cuestiones de la psique humana y sus relaciones sociales. Se dialoga entre memorias traumáticas y críticas sobre la conciencia política y las angustias que nos permiten ver el mundo con sensibilidad. Esta reflexión se basa en un momento de crisis política, social y en el panorama pandémico que ha cobrado miles de vidas en Brasil. Se consideró la historia, la literatura y la psique humana al pensar en las intermitencias de la vida y la muerte.

Palabras clave: Literatura. Historia. Experiencia. Fatalidad.

Nas intermitências da Morte (2005) de José Saramago apresenta-se uma relação com a vida e morte de um sujeito. Nesse texto, reflete-se sobre uma consciência histórica de uma realidade, de questões da psique humana e suas relações sociais. Apresenta-se memórias traumáticas, críticas sobre consciência política e visões de mundo com sensibilidade. Essas reflexões se pautaram em momentos de crise política, social e do quadro pandêmico que ceifou milhares de vidas no Brasil. Considerou-se a história, a literatura e a pisque humana, pensando em intermitências de vida e de morte.

Teve-se consciência que são experiências da evolução temporal de mundo e de si mesmo, de tal forma que orientam, intencionalmente, a "vida prática no tempo" (RÜSEN, 2001, p. 57). Considerou-se a história, a literatura e a pisque humana pensando em intermitências de vida e de morte dolorosa, porque (re)floresceu pelas experiências de leituras saramaguianas ao se pressentir naquele momento que a morte tomava outros rumos, otimizando sua "estrutura de sentimentos" (WILLIAMS, 1979, p. 131) na qual se exterioriza inquietações da realidade.

Reflete-se a transfiguração que o sentimento expresso na literatura saramaguiana proporciona e tangencia-se o passado que está no presente. Vale ressaltar que as palavras sozinhas não dizem nada fora do seu contexto, fora das situações em que funcionam. E depende de quem as diz e em quais circunstâncias podemos entendê-las (YUNES, 2004). A linguagem não é fechada, a narrativa é do cotidiano, temporal, espacial e histórica.

A linguagem se faz presente transfigurando-se em consciência do contexto babélico em que o Brasil está vivendo: crises políticas com desrespeitos as instituições, a fome volta a pintar o mapa do país, a morte sendo naturalizada por agentes públicos, caminhando ao desencontro com o que é mais humano, a vida, fazendo das atribuições "possíveis funções assassinas do Estado" (MBEMBE, 2018, p. 18). Portanto, "a leitura não é somente uma operação abstrata de intelecção, ela é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros" (CHARTIER, 1999, p. 16). É por excelência complexa e dialética, fazendo desenvolver o devir social, desde ler até construir narrativas de vida.

Como leitor, entrego-me e absorvo no romance as transformações como desenvolvimento de uma crítica de consciência que surgiu em decorrência das minhas

práticas da leitura[1]. Este leitor se coloca em perigo constante entre a ficção e a realidade, de um eu constituído no mundo literário pré-fixado e é neste perigo de ser um historiador irônico, que não me coloco "fora do acontecimento que anuncia, do tempo que narra, mas se sabe que o discurso é mais uma dobra no inabarcável arquivo de enunciações que instituem dados sujeitos e dados objetos" (ALBURQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 29).

Neste perigo literário que se proporcionou o florescer de uma narrativa crítica em nosso meio, afinal de contas a história é a ciência do homem no tempo (BLOCH, 2001, p. 7). Não fujo a regra, muito menos da metodologia supracitada que me coloco como sujeito ativo e passivo, do ler ao produzir a trama histórica da trágica experiência da morte dos meus avôs em suas realidades obscuras. Afinal são "em última análise os elementos que nos serve para reconstruir o passado: os próprios nomes que usamos a fim de caracterizar os estados da alma desaparecidos, as formas sociais evanescidas" (BLOCH, 2001, p. 66).

Portanto, são minhas experiências enquanto, ontem, criança, hoje adulto leitor e historiador que me fazem refletir as tragédias da realidade que perpassam não só em minha vida, mas talvez na realidade de outras pessoas. Enfim, é a representação da linguagem enquanto construtora de sentido (HALL, 2016) para a vida e a morte de um sujeito.

As intermitências da Morte e sua relação com a vida e morte de um sujeito: parte I

Em As Intermitências da Morte estão as minhas memórias de morte com minha avó, esse trauma emergiu com a literatura saramaguiana, pois ela torna-se "um processo formativo, com um presente específico que em diferentes momentos na história e de modos significativamente diferentes, a realidade é ao mesmo tempo o primado dessas presenças e processos" (WILLIAMS, 1979, p. 131).

Parto agora com uma singela descrição sobre essas memórias. Quando vi minha avó falecer, Maria Rosa Nunes, aos 52 anos, digamos, por causas naturais, penso que o Estado teve contribuições nesse processo, era analfabeta, mulher pobre, que trabalhou por anos como quebradeira de coco babaçu e lavadeira de roupa, essa atividade lhe deu a possibilidade de criar 6 (seis) filhos e um pai idoso, além da ausência do seu esposo, Lourival Rimualdo Silva. Maria Rosa Nunes era desprovida das assistências sociais do

[1] No que se diz respeito à consciência Jörn Rüsen em um de seus textos intitulado História Viva, o autor busca a finalidade didática com o "aprendizado histórico", a qual cabe as formativas do conhecimento histórico, recepcionando o saber histórico e tomar posição quanto a ele e utilizá-lo (RÜSEN, 2007, p. 101). É importante destacar que não quero hierarquizar o saber, mas sim, a importância do saber, da vivência, a primazia da literatura.

Estado, se o mesmo fosse eficiente e realmente se preocupasse com a vida das pessoas, uma dessas hoje poderia estar viva ou pelo menos ter tido um prolongamento de sua morte.

Diante desse cenário, eu era uma criança, tinha apenas 11 (onze) de idade e não tinha nenhuma consciência de mundo. Numa tarde depois de brincar na rua do bairro que residia, vejo um de meus tios chorando, esmurrando a porta da casa de tábua. Perguntei o que tinha acontecido ele disse: minha mãe morreu. Apesar de ser muito apegado a minha avó materna, a notícia de sua morte não tinha me abalado, eu simplesmente não sabia o que estava acontecendo, por ser uma criança do sertão, desprovida de questões sociais, minha familiar não me proporcionava o mínimo de visão política da realidade. Mas proporcionar uma coisa que nunca teve? Quando tinha era bastante fragmentada, quase invisível. Era impossível. O assistencialismo social não chegara e quando chegava era polida pelos mandatários locais.

Hoje percebo o que ocorreu, além do ciclo natural da vida, a ação política contribuiu para que isso ocorresse. Minha avó sofreu um acidente vascular cerebral (AVC) em decorrência de sintomas da menopausa, tendo diversas crises de pressões e alterações no seu metabolismo, naquela época o Hospital Público do Município de Xambioá-Tocantins era e até hoje é a única opção aos desprovidos. Nas oscilações do seu quadro de saúde o diagnóstico era quase unânime: problemas de hipertensão[2]. Em sua última crise a vi cambaleando e amparada nos braços de amigos a caminho do mesmo hospital, transferida para o Hospital Regional de Araguaia, no Estado do Tocantins, onde ficou 6 (seis) meses internada vegetando. Retornando para, casa já sem falar e sem se locomover, estava em um estado de vegetação profunda ocasionando escaras em seu corpo. Antes de morrer minha mãe ofereceu-lhes comida e a única palavra que ela disse: não.

Na descrição desse quadro lembro-me da expressão "viver a morte", nele corroboro com Santos (1983) em que há duas maneiras de vivê-la, ou seja, "[...] como assistir ou sofrer a morte dos outros; mas também podemos entendê-la como viver a nossa própria morte, enquanto vivermos" (SANTOS, 1983, p. 15). Aquele momento em que minha avó se encontrava, representou, piamente, o "viver a morte", é o espaço em que estamos vivendo, afinal todos nós, em cada segundo, estamos vivendo e morrendo em correlato.

Por outro lado, ao dizer a palavra: não, é observada uma pequena melhora significativa, mas logo falece, os médicos dizem que às vezes essa melhora faz parte do processo natural da morte (ARIÉS, 2014). Assim, se retrata as reações de pacientes em um estágio terminal diante da morte. Penso que se a instituição hospitalar pública tivesse uma

[2] Ainda hoje, encontra registrados nos documentos do Hospital Público de Xambioá-TO, seus motivos de internações, geralmente ocasionado por problemas de hipertensão. Dos 33 (trinta e três), o último laudo médico demonstrou que sua morte foi problemas respiratórios ocasionados pelo AVC.

equipe e (infra)estrutura, talvez, hoje minha avó estivesse viva. Parece que o Estado não tinha ou tem interesse com isso, o que importa: lucrar com as mazelas das pessoas. Pensemos na obra de Saramago, no seu romance, de maneira insigne, descreve como essas instituições lidam com essas questões:

> também os diretores e administradores dos hospitais, tanto do estado como privados, não tardaram muito a ir bater à porta do ministério da tutela, o da saúde, para expressar junto dos serviços competentes as suas inquietações e os seus anseios, os quais, por estranho que pareça, quase sempre revelavam mais de questões logísticas que propriamente sanitárias. Afirmaram eles que o corrente processo rotativo de enfermos entrados, enfermos curados e enfermo mortos havia sofrido, por assim dizer, um curto-circuito, se quisermos falar em termos técnicos, um engarrafamento de como os dos automóveis, o qual tinha a sua causa na permanência indefinida de um número cada vez maior de internados que ela gravidade das doenças ou dos acidentes de que haviam sido vítimas, já teriam, em situação normal, passado à outra vida (SARAMAGO, 2005, p. 27- 28).

Nesta situação, os médicos solicitam uma saída de tal situação a dois ministros, da saúde e o primeiro ministro, segue a trama:

> a situação é difícil, argumenta, já começamos a pôr doentes nos corredores, isto é, mais do que era de costume fazê-lo, e tudo indica que em menos de uma semana nos iremos encontrar a braços não só com a escassez das camas, mas também, estando repletos os corredores e as enfermeiras, sem saber, por falta de espaço e dificuldade de manobra, onde coloca as que ainda estejam disponíveis. É certo que há uma maneira de resolver o problema, concluíram os responsáveis hospitalares, porém, oferecendo ela, ainda que de raspão, o juramento hipocrático, a decisão, no caso de vir a ser política (SARAMAGO, 2005, p. 28).

A tomada é política, em muito dos casos o juramento hipocrático de defender a vida e cuidar da saúde e não causar dano ou mal a alguém é deixado de lado, pois ao receitarremédios sem comprovações médicas contra moléstias a priori incuráveis, ao burlar aparelhos vitais para os pacientes que estão sofrendo e até mesmo alterar a certidão de óbito parecem “normais”. O ministro da saúde, por ser um “bom entendedor”, entendeu a lógica do discurso e deu a seguinte provisão:

> Considero impagável sobre ocupação de internados, que já coma a prejudicar seriamente o até agora o excelente funcionamento do nosso sistema hospitalar [...] o governo aconselha e recomenda às direcções e administrativas hospitalares que, após uma análise rigorosa, caso por caso, da situação clínica dos doentes que se encontram naquela situação, e confirmando-se a irreversibilidade do respectivos processos mórbidos, sejam eles entregues aos

> cuidados das famílias, assumindo o estabelecimentos hospitalares a responsabilidade de assegurar aos enfermos, sem reserva, todos os tratamentos e exames que os médicos de cabeceira ainda julgarem necessários ou simplesmente aconselháveis (SARAMAGO, 2005, p. 28).

As narrativas saramaguianas levam consigo críticas ácidas sobre questões políticas. A linguagem, através do processo social, cria signos. Esses signos providos de um conjunto de manifestações sociais levam em sua posse um produto ideológico, tendo em vista que:

> cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade [...]. Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e retrata uma outra realidade. Ele pode distorcer essa realidade (BAKHTIN, 2010, p. 32).

Saramago me ajuda a refletir no hoje, o Estado geralmente não respeita e não dá os direitos para pessoas em estado de enfermidades. Hoje reconheço que esse Estado é quem "reivindica com sucesso o monopólio do uso legitimo da violência física e simbólica em um território determinado sobre o conjunto da população correspondente" (BOURDIEU, 2014, p. 97). É o monopólio legítimo das banalidades humanas.

Nas intermitências da morte, o Estado precisa manter as pessoas por um determinado tempo nos leitos de hospitais, porém essa demora gera despesas e gastos, então a melhor saída é dar alta hospitalar e deixar o paciente "morrer" ou sobreviver em casa, esse ato soa com um "ato humano" (ÀRIES, 2014, p. 24).

Nos primórdios, a morte no quarto assistida por crianças, familiares, amigos e até desconhecidos, foi por muito tempo um ato de grandeza, o moribundo ao passar por esse rito tinha uma morte tranquila e serena. No ocidente esse imaginário se inicia em meados do século XVII e perpassa até o final do século XIX. Isso não queria dizer que só naquela época existissem essas práticas, hoje existem em algumas localidades cerimônias idênticas que estão presentes em comunidades tradicionais na região do sertão dos vales[3], a qual estou inserido.

Hoje, por detrás desse conjunto de ausências existem questões financeiras que culminam em práticas desumanas. A pandemia da Sars Cov-2, Covid-19, chegou e intensificou mais esse quadro social, quando um sujeito falece tem que ir diretamente para

[3] Astolfo Serra no livro A Balaiada (1946) menciona como eram os velórios sertanejos da época que se passava no sertão, "antes faz de seus enterramentos um motivo e reuniões, quase festivas. Quando morre alguém a casa do morto enche-se de amigos, vizinhos, e até de estranhos" (SERRA, 1946, p. 35). Frei João Audrin esteve no sertão escreveu ao escrever Os sertanejos que Conheci (1963), narra: "velho sertanejo que terminou sereno a sua longa existência de honestidade e trabalho. Sentindo aproximar-se a obra suprema, mandou reunir em torno de si a sua numerosa descendência. Despediu-se de todos com conselho e bênçãos" (AUDRIN, 1963, p. 150).

cemitério, a cerimônia do adeus é sempre dolorida e piora sem o contato direto com o corpo do morto.

O Estado prepara profissionais da saúde para orientar aos parentes de enfermos que uma morte humana é aquela em que o enfermo morre em casa[4]. Foi o que aconteceu com a minha avó, hoje quantas pessoas estão na mesma situação? Nessa ocasião me vem à reflexão do filosofo e historiador Achille Mbembe ao dizer que "neste caso, a minha morte anda de mãos dadas com a morte do outro" (MBEMBE, 2018, p. 68). Volto ao baú da memória observando a intercadência da morte, na qual deixara dor naquele corpo que ali estava a vegetar. Saramago assevera a seguinte visão filosófica do sofrimento físico através da "rainha-mãe", ficando idêntica a situação de minha avó em que "A rainha-mãe nem melhorou [...] ficou ali como suspensa, baloiçando o frágil corpo à borda da vida [...]" (SARAMAGO, 2005, p. 12). Foram longos oito meses, parecia não sair daquele sofrimento.

A morte é um processo natural e ver a pessoa próxima definhando aos poucos sem poder fazer nada é uma sensação terrível. Em algumas ocasiões a melhor saída para esse sofrimento é o fim. Como muito bem expressou o filosofo Edgar Morin (1997) "quanto mais o morto for próximo, íntimo, familiar, amado ou respeitado, isto é, 'único', mais violento é a dor; nenhuma ou quase nenhuma perturbação se morre um ser anônimo, que não era 'insubstituível'" (MORIN, 1997. p, 32). Meu tio sentiu isso ao esmurrar a porta e hoje sinto ao relembrar por meio da parede da minha memória. A ação natural da vida é a morte, "a morte é vista como detentora de grande significação" (MBEMBE, 2018, p. 14).

A morte é equânime a todos os seres humanos a palavra isonomia só funciona aqui na jurisprudência da morte chegando para todo sem todas as classes socioeconômicas, a morte é o resultado mais preciso e certeiro, "a morte humana é essencialmente voluntária" (MBEMBE, 2018, p. 11).

Algumas pessoas vão ao encontro dela mais cedo, buscando-a de várias maneiras através da eutanásia[5], suicídio etc. Por um prisma sensível da ausência da morte, Saramago nos mostra a hipocrisia da sociedade que se diz cuidar dos seus enfermos, mas que por várias ações os maltratam, buscando, na verdade nos olhos da hipocrisia a morte como uma solução para aquele quadro estressante se encontra:

[4] Longe dos autores demonizar ou menosprezar os profissionais da saúde, reconheço a importância de todos ainda mais neste momento de pandemia que vivemos, mas neste artigo tento desenvolver uma visão crítica a funcionalidade do Estado para com a sociedade.

[5] No Brasil é proibida por lei, o código penal prever pena de 20 anos quem a pratica. A Constituição de 1988, diz que o direito a vida é um direito inviolável. O Brasil substitui o debate sério da eutanásia por ficar refém as narrativas religiosas dogmáticas. Mas isso impede de serem praticadas, quantas violações da vida tem nos rincões do Brasil. Quantas pessoas são mortas por irresponsabilidades de instituições que em tese poderia cuidar da vida? O sofrimento é persistindo por não respeitar o pedido do individuo.

> outras carroças e outras mulas levaram outros corpos inermes, falsas ambulâncias deram voltas e voltas por azinhagas abandonadas para chegarem ao lugar onde deviam descarregá-los, atados no trajecto, em geral, pelos cintos de segurança ou, em algum censurável caso, escondidos nos porta-bagagens e tapados com uma manta, carros de todas as marcas, modelos e preços transportaram a essa nova guilhotina [...] (SARAMAGO, 2005, p. 47).

A narrativa trata muito bem a hipocrisia, levando em consideração o Brasil que tem uma estreita ligação com a religião, impedindo debates sobre a morte, muitos políticos dos rincões e do parlamento brasileiro sabem que a morte é um tema de saúde pública e de direitos individuais envolvendo diversas esferas sociais, mas são contra, ou fogem da temática, ao tocarem nesses quesitos podem perder votos, oriundos de seus redutos eleitorais.

Mas quando envolvem gastos nas instituições públicas e interesses particulares o Estado gasta erários com empresas, cria discursos por meio de pessoas que detém um poder simbólico e que manipulam as pessoas a tomarem remédios sem nenhuma eficácia – o charlatanismo – "em nome dos mais sagrados valores da família" (SARAMAGO, 2005, p. 16). Existem empresas que trabalham nessa área, Saramago descreve Maphia, como se fosse uma organização criminosa que:

> poder-se-ia pensar que, após tantas e tão vergonhosas cedências como haviam sido as do governo durante o sobe-e-desce das transações com a máphia, indo ao extremo de consentir que humildes e honestos funcionários públicos passassem a trabalhar a tempo inteiro para a organização criminosa, poder-se-ia pensar, dizíamos, que já não seriam possíveis maiores baixezas morais. Infelizmente, quando se avança às cegas pelos pantanosos terrenos da real politik, quando o pragmatismo toma conta da batuta e dirige o concerto sem atender ao que está escrito na pauta, o mais certo é que a lógica imperativa do aviltamento venha a demonstrar [...] (SARAMAGO.2005 p. 59).

A realidade da saúde brasileira é estorvo, existem médicos que lamentam as aflições nos seus locais de trabalho, ao mesmo tempo encontram-se médicos e funcionários públicos da saúde que desviam verbas, objetos hospitalares, praticam atrocidades para lucrarem com as dores, os males de outros seres humanos. O próprio Estado comunga dessas ações matando pessoas, mesmo com a consciência daquele que jura proteger pela vida, originando o pensamento do "salve-se quem puder" (SARAMAGO. 2005).

O Estado nas mãos facínoras torna-se "uma máquina de guerra [que] combina uma pluralidade e funções. Tem as características de uma organização política e de uma empresa comercial. Opera mediante capturas e depredações e pode até mesmo cunhar seu próprio dinheiro" (MBEMBE, 2018, p. 55. grifo nosso).

Enfim, nas intermitências da morte da minha avó, a pessoa busca saída até esgotar suas forças, apelando então em última estância para forças metafísicas das religiões, rezar torna-se um ato de desespero e de esperar que se resolverá tudo (SARAMAGO, 2005). Daqui, passo para as intermitências e minha experiência de morte com meu avô.

As intermitências da Morte e sua relação com a vida e morte de um sujeito: parte II

Ausência de morte não significa ausência da velhice e de dor, nas experiências de morte com meu avô, Lourival Rimualdo Silva, que persistiu em sobreviver até seus 89 anos, nos intervalos de pulsações de saúde e doenças, foi garimpeiro[6] e lavrador, em suas próprias palavras: *fui roceiro, não tive oportunidade de estudar. Trabalhando nas terras de outros, dos latifundiários da região*. Nessa fala encontrava-se vivo e corroído pelo tempo, frágil em decorrência de quatro (AVC) e uma úlcera estourada sem nenhuma sequela que o afetasse psicologicamente, fisicamente não conseguiria se quer segurar um corpo com água nas mãos, e quando bebia engasgava-se com frequência. A velhice está presente "[...] é certo que na maior parte dos casos mês manda[va] uma doença para abrir caminho, mas as doenças têm algo de curioso, os seres humanos sempre esperam safar-se delas" (SARAMAGO, 2005, p. 100), e safou-se de uma gripe no verão, de uma dengue no inverno e mesmo assim, relutava em não ir ao hospital, vivia em morte.

Com aparência cadavérica passava a maior parte do dia dormindo em sua rede, quando eu o via parecia estar morto, às vezes a sua baba escorria no canto da boca e seu corpo em farrapo era frequentemente friento mesmo no calor escaldante do Tocantins de 32º graus. Refletindo nessas questões de vida, vejo as narrativas de Saramago passar sobre meus olhos, a velhice é como:

> [...] cemitérios de vivos [...] pouco a pouco levaram a vida a perder os dentes e o cabelo, das legiões dos de má visa, e mau ouvido, dos heniados, dos catarros, dos que fracturam o colo do fémur, dos paraplégicos, do caquécticos [...] dos que não são capazes de segurar nem a baba que lhes corre no queixo [...] (SARAMAGO. 2005, p. 31-32).

Nessas circunstâncias, observando meu avô, converso comigo sobre a vida, morte é como o Estado o ver. Mesmo com a violenta presença do Estado, meu avô é/foi submetido a

[6] O garimpo surgiu na região do antigo norte goiano em meados da década de 1940 a 1980. Durou cerca de 40 anos, essa atividade impulsionou a economia e as práticas socioculturais e desenvolvendo vilas em que muitas se tornaram cidades do atual Estado do Tocantins. (RIMUALDO, 2021, p. 14).

uma avaliação de prova de vida[7], indo à instituição bancária provar que estava vivo para que continuasse a receber a aposentadoria.

Meu avô sempre fazia a seguinte pergunta; o que é a vida? Uma pergunta retórica, ele respondia; é isso aqui: – olhando para o seu corpo, demonstrando o reflexo do estado em se encontrava – uma velhice cheia de hematomas, dores, sem cabelos, sem dentes, corpo esquelético, uma bengala nas mãos. Admitia-se, que pouco a pouco, a certeza de que a morte de meu avô estava próxima "é neste momento em que a pessoa entra em silêncio e 'afunda-se na sua solidão e seu sonho, e não se comunica mais com os familiares'" (ARIÈS, 2014, p. 773).

Às vezes ficava profundamente aborrecido por não dar conta de tomar banho e não fazer as necessidades fisiológicas sozinho, neste momento há uma invasão e quebra de mais uma de suas intimidades, ou seja, "a morte é a putrefação da [em] vida" (MBEMBE, 2018, p. 13).

Diante disso, a vida "é uma orquestra que sempre se afunda e sempre desafina, um paquete titanic que sempre se afunda e sempre volta à superfície" (SARAMAGO, 2005, p. 167). Várias vezes, estive com alguns de meus familiares presentes em uma das crises convulsionais do meu avô em decorrência de sua hipertensão. O médico de plantão que socorreu meu avô em uma de suas últimas crises, fez o que pôde, a pressão 28x08.

Pensamos ali na sala de atendimento de emergência, segurando suas pernas e braços enquanto ele se convulsionava, pensamos que ele iria morrer, sua vida naquele instante estava desafinada e afundado, mas voltou horas depois, alguns medicamentos debaixo de sua língua, vinha então à superfície. Só a morte, essa que não dorme, sabe o momento certo de realizar o seu dolorido, mas necessário ofício.

A moléstia está presente e a morte está ausente naquele momento sensível que passei dentro do hospital. Meu inconsciente gritava dentro da minha cabeça com perguntas novamente sobre a vida e a morte. Saramago, de maneira jocosa, traz um exemplo que o espírito conversava com um jovem filósofo utilizando a metáfora do aquário, ou seja, o espírito é o inconsciente, que carrega todas as suas emoções, "o inconsciente, [...] é a fonte de todas as forças instintivas da psique e encerra as formas ou categorias que as regulam, quais sejam precisamente [...]. Todas as ideias e representações mais poderosas da humanidade remontam aos arquétipos" (JUNG, 1984, p. 342.), o jovem quando olha para água é de certo que poderia observar um reflexo do seu próprio rosto mesmo que turvo e transparente. Em meio essas buscas de resposta, o espírito aparece e conversa, é neste

[7] É uma prática em que a instituição do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) faz para aquelas pessoas com mais de 80 anos, para saber se a pessoa encontra-se viva para continuar recendo o seu salário ou se já morreu e tem alguma pessoa recebendo por ela. Em muito dos casos essa prova é uma humilhação, cidade que não tem a instituição é realizada através de Banco e seus familiares tem que levar uma pessoa com situação delicada para realizar a mesma.

instante que o inconsciente emerge e traz inquietações. Diálogo esse que iria dar uma grande epopeia de pensamentos filosóficos sobre a vida:

> eis o que o espírito que pairava sobre a água do aquário perguntou ao aprendiz de filósofo, Já pensaste se a morte será a mesma para todos os seres vivos, sejam eles animais, incluindo o ser humano, ou vegetais, incluindo a erva rasteira que se pisa [...] será a mesma a morte que mata um homem que sabe que vai morrer, e um cavalo que nunca o saberá. E tornou a perguntar, em que momento morreu o bicho-da-seda depois de se ter fechado no casulo e posto a tranca à porta, como foi possível ter nascido a vida de uma da morte da outra, a vida da borboleta da morte da lagarta, e serem o mesmo diferentemente, ou não morreu o bicho-da-seda porque está vivo na borboleta. O aprendiz de filósofo respondeu, O bicho-da-seda não morreu, a borboleta é que morrerá, depois de desovar, Já o sabia eu antes que tu tivesses nascido, disse o espírito que paira sobre as águas do aquário, o bicho-da-seda não morreu, dentro do casulo não ficou nenhum cadáver depois de a borboleta ter saído, tu o disseste, um nasceu da morte do outro, Chama-se metamorfose, toda a gente sabe de que se trata, disse condescendente o aprendiz de filósofo, Aí está uma palavra que soa bem, cheia de promessas e certezas, dizes metamorfose e segues adiante, parece que não vês que as palavras são rótulos que se pegam às cousas, não são as cousas, nunca saberás como são as cousas, nem sequer que nomes são na realidade os seus, porque os nomes que lhes deste não são mais do que isso, os nomes que lhes deste (SARAMAGO, 2005, p. 72).

A busca sobre a posição de morte traz conscientemente um fator primordial: a metamorfose. Durante o absentismo da morte as metamorfoses com a presença das dores com o nascer e cair dos dentes de leite e caninos, o cair do cabelo, as dores de cabeça em decorrência da perca da força retinal.

As juntas do corpo travando, as pernas paralisando e trêmulas nas quais não aguentam segurar o peso de seu próprio corpo, sem poder andar mais sozinho, sempre com apoio de uma bengala, nem se quer calçar seu sapato. Todas essas metamorfoses foram ocasionando o caminho rumo da morte. A morte é uma ação geral da consequência da vida, mas repleta de peculiaridades, não se trata de uma morte, trata-se "das mortes [...] porque cada um de vós tem sua própria morte, transporta consigo num lugar secreto desde que nasceu, ela pertence-te tu pertences-lhe" (SARAMAGO, 2005, p. 72.73).

Adicionalmente, a visão filosófica da vida/morte fica evidente quando minha avó morreu prematura tendo em vista que a mulher sempre foi mais sofrida no sertão, enquanto na ausência da morte se fazia presente no meu avô apesar de todas as suas dores, assim, não fala "não da morte, [mas] das mortes" (SARAMAGO, 2005, p. 73.). Portanto, "a dor provocada por uma morte só existe se a individualidade do morto estiver presente e reconhecida" (MORIN, 1997, p. 32). Foi assim com minha avó e décadas depois do meu avô. Cada um de nós em seu plano individual tem a sua morte.

Contudo, aos 70 anos meu avô exclamava abertamente que não tinha nascido para morrer. Já bem mais idoso e corroído pelas engrenagens do tempo, sendo uma trituradora que vai triturando tudo, a saúde, a memória, e trazendo os cacos, deixando a velhice com um sentimento de que a qualquer momento irá morrer. Mesmo com todas as suas dialéticas e modificações esse sentimento persistiu e existe desde o no século XV, proporcionado pelos humanistas ocidentais, naquela época "os humanistas do século XV substituíram os sinais macabro por uma presença do interior da morte: sentiam-se sempre preste a morrer" (ARIÈS, 2014, p. 171).

Mesmo séculos depois com diferenças históricas e geopolíticas, esse sentimento em que a qualquer momento pode-se morrer é e era visível, principalmente quando meu avô passava mal ou caía sozinho. Ao mesmo tempo em que estava com pressentimento de morrer, ele buscava viver tornando esse sentimento complexo através dos seus familiares em sua casa sendo um "espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida [...] a casa é nosso canto do mundo" (BACHELARD, 1993, p. 24), da existência em memórias, tristezas, medos e felicidades, é a composição da vida em morte. Esse sentimento de aproximação da morte "[...] dilata dentro de si seu louco amor pela vida e ate agarra-se [...] a ela, o fato biológico de viver, do que às coisas acumuladas enquanto viveu" (ARIÈS, 2015, p. 173-174).

Por fim, não tardou para que a sua morte chegasse e eu a senti de perto. Há dois anos, antes pandemia da Covid-19, decidi passar o final de semana com minha família, saindo da cidade de Araguaína onde eu estava iniciando o mestrado em Estudos de Cultura e Território pelo PPGCULT-UFT, rumo à Xambioá, Tocantins, onde minha família reside, comentei com um amigo da família ao pegar um ônibus que gostaria de ver o meu avô, antes que ele chegasse a falecer.

Ao chegar à cidade no dia seguinte fui visitá-lo, tomei sua benção e conversamos sobre a vida e naquele instante meu avô de súbito passou mal e, nos meus braços, foi falecendo, seus olhos arregalaram-se, uma rouquidão vinda de dentro do seu corpo dava a significância da busca incansavelmente do oxigênio para respirar, seu corpo compulsava, neste mesmo ínterim foi desvanecendo, entregando-se a força maior de maneira natural. A morte, naquele momento, foi o último adeus, a sua partida. Eu, apenas acariciava sua fronte, foi uma linda morte. Enfim, nas intermitências da morte, morrer em casa, próximo dos netos e de alguns filhos, assim foi "a boa morte [...] de fato a morte no seu leito, nas cavernas íntimas de nossa casa" (MORIN, 1997, p. 124).

Considerações Finais

Nas intermitências da morte de minha avó e de meu avô apresentei as visões de intermitências da morte a partir do texto de Saramago, ficção não, realidade. Minhas memórias e críticas foram desenvolvidas através da obra supracitada e só neste texto tive coragem de apresentá-las, memórias sobre consciência de vida e de classe social, angústias que subitamente me fazem ver a política e o mundo com mais sensibilidade.

Essas narrativas permitiram trazer as experiências de um sujeito que vê a literatura como provocativa, porque ela instigou inquietações. Aqui, a literatura e a história foram escritas com indignação, a história de uma indignação com a morte, com as forças que espalham a morte lenta da miséria, da injustiça e do preconceito (ALBURQUEQUE JÚNIOR, 2019).

Diante disso, a morte esteve e está presente nas tramas da vida humana e ao longo da história. A morte se manifestou por diversas perspectivas culturais e socioeconômicas. A morte é temerosa para nós humanos, a vida e a morte estão juntas, assim como a felicidade e a dor, a riqueza e a miséria. A vida tem um tempo provisório, um labirinto sem portas que possam levar a eternidade, a morte é onipotente com suas ramificações no espaço e no tempo, a morte é o efeito mais significativo, figurativo e real de todas as (in)certezas do nascimento humano.

Portanto, a distopia saramaguiana ajudou a desenvolver essa crítica e consciência da realidade e, sobretudo de classe. Conquanto, esta narrativa faz, ou leva, o leitor sentir essa experiência de perto, da viva e da morte. Enfim, pensarmos em um sujeito (autor) que leva consigo cargas de sentimentos sociais, culturais e sensibilidades, um ser que acessa à uma literatura de engajamento pensando em suas intermitências e experiências de vida e de morte.

Referências

AUDRIN, José Maria. **Os sertanejos que eu conheci**. 1ª ed. Editora: Livraria José Olympio. 1963. 205p

ARIÉS, Philippe. **O Homem diante da Morte**. Tradução: Luiza Ribeiro. 1ª ed. Editora: UNESP. São Paulo. 2013. 837p

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. 11ª ed. Tradução: Mariza Corêa. Editora: Papirus Editora. São Paulo. 224p

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Oficio de Historiador**. 1ªed. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 159p.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Fratesshi Vieira. 10ª Ed. Editora: HUCITEC. São Paulo. 2010.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. Tradução: Antonio de Pádua Denesi. 1ª ed. Editora: Martins Fontes São Paulo. 1993. 242p.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os Séculos XIV e XVIII. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília. 1999.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**. 1º ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2015.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução; Daniel Mirante e Willian Oliveira. Rio de Janeiro; Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.259p.

JÚNIOR ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. **História:** A arte de inventar o passado (ensaios de teoria da história). 1ª ed. Paraná Curitiba. Editora: Appris. 2019. 290p.

JUNG. Carl Gustav. **A Natureza da Psique**. 8ª ed. Editora: Vozes São Paulo. 2011.

LOPES, João Marques. **Saramago Biografia** 1ª reimpressão. Ed. LaYa. São Paulo, 2010. 246p.

MARTINS, José de Souza (org.). **A morte e os mortos na sociedade brasileira**. 1º ed. São Paulo. Editora: Hucitec. 1993. 339p.

MORIN, Edgar. **O Homem e a Morte**. 1º ed. Tradução: Cleone Augusto Rodrigues. Rio de Janeiro. Editora: Imago Editora Ltda.1997.354p.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018. 71p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3ªed. Belo Horizonte: Autêntica 2014. 130p.

RIMUALDO, Brendon Husley Rodrigues. **As representações literárias do sertão garimpeiro e sua geograficidade no antigo norte goiano (1940-1980) nas obras**: Oco do Mundo, Tipos de Rua e Tipos Populares, de Juarez Moreira Filho. Dissertação de mestrado (Mestrado Interdisciplinar). Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território Mestrado em Estudos de Cultura e Território da Universidade Federal do Tocantins. Araguaína-TO, 2021. 202p. Disponível <http://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/3056>.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. 1ªed. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora. UNB, 2001. 194p.

_____. **História Viva**: Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico. Tradução Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. da UNB, 2007, 159p.

SARAMAGO, José. **As Intermitências da Morte** 1º ed. São Paulo: Companhia da Letras 2005.207p.

SERRA, Astolfo. **A Balaiada**. 1º ed. Rio de Janeiro: BEDESCHI. 1946. 308p.

WILIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. 1ª ed. Tradução: Waltensir Dutra. Zahar Editores: Rio de Janeiro. 1979.

YANA, Eliana; OSWALDO, Maria Luiza. **A experiência da Leitura**. 1ª edição. Editora: Loyola. São Paulo. 2005.